

“Podemos financiar projetos no Brasil”

por Celso Pinto

de Bonn

O ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, encerrou o dia de ontem, em Bonn, na Alemanha, com três boas notícias: o acerto do empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões, a boa disposição encontrada, em Paris, por parte do governo e dos bancos franceses e a avaliação feita a ele pelo presidente do Comitê Assessor dos Bancos, William Rhodes, de que os quatro principais bancos britânicos virtualmente endossaram o pacote brasileiro.

“As discussões são duras, mas o senhor deve contar com a compreensão e a cooperação da França”, disse a Mailson o ministro de Economia e Finanças francês, Pierre Bérégovoy, na conversa de meia hora, em Paris, no final da manhã, referindo-se à negociação com os credores oficiais, no Clube de Paris, na próxima semana.

“Uma vez resolvido esse problema, podemos ver outras formas de cooperação; podemos financiar projetos no Brasil”, prometeu Bérégovoy. Foi um aceno parecido ao feito pelas autoridades britânicas, ou seja, a reabertura dos créditos oficiais tão logo o acerto com o Clube de Paris esteja fechado.

O empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões anunciado ontem ajuda em mais de um aspecto. De um lado, serve como prova de confiança dos governos no Brasil, já que ele acontece antes que tenha sido formalizado o acerto com o Fundo Monetário Internacional (FMI). De outro lado, como lembrou Mailson a este jornal, o “bridging-loan” levará os governos a empurrar seus bancos em direção ao acordo com o Brasil: o repagamento será feito com o primeiro desembolso do FMI mas o Fundo não efetivará o acordo antes da adesão de 90% dos bancos ao acordo (a “massa crítica”) — que Mailson espera fechar em setembro.

Os esforços de Mailson nessa maratona de contatos na Europa (esteve em Londres, em Paris e em Bonn e irá a Frankfurt, a Roma e a Nova York) estão arquitetados em três direções. Com os ministros da Fazenda e presidentes de bancos centrais ele selou o empréstimo-ponte e vem pedindo respaldo ao acerto do Clube de Paris. Em cada parada há um contato de

(Continua na página 19)

Divida 6 item "Podemos financiar projetos no Brasil"

20 JUL 1988

FEITA MERCANTIL

por Celso Pinto
de Bonn

(Continuação da 1ª página)

alto nível com os principais bancos privados, onde questões mais políticas e de longo curso são debatidas. Finalmente, há o "road show": uma apresentação conjunta do ministro, assessores brasileiros do Banco Mundial, do FMI e do comitê de bancos credores a uma platéia constituída mais de executivos — onde as questões, via de regra, são mais técnicas e relativas ao acerto.

Na parte oficial, em Paris, além do encontro com o ministro das Finanças, houve um café da manhã com o presidente do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet. Mailson apresentou a proposta que o Brasil levará aos credores oficiais e que ele mesmo admite ser ambiciosa demais. Mailson quer selar o melhor acordo já feito pelo Brasil nesta área tanto em termos de prazos (seriam 8 a 9 anos), abrangência (1987, 1988, 1989 e, quem sabe, parte de 1990) e dimensão (reescalonamento do principal e juros).

Mailson admitiu à imprensa que num dos países que visitou sua proposta foi classificada de "chocante". Pelo que apurou este jornal, isso se deu no Japão, há três semanas. Os ingleses e franceses reagiram parecido: o País está pedindo alto demais, disseram. O ministro, de todo modo, admite de antemão que esta é uma posição negociadora. "Vamos pedir o máximo, eles vão oferecer o mínimo e vamos conseguir uma posição intermediária", supõe.

No almoço, Mailson encontrou-se com dezesseis altos funcionários de oito grandes bancos franceses: Société Générale, Paribas, Francês de Comércio Exterior, Indosuez, National de Paris, Crédit Agricole, Commercial de França e Crédit Lyonnais. Os banqueiros tocaram num ponto que já havia sido mencionado por Trichet e tem sido recorrente, isto é, a aceleração inflacionária e as perspectivas de sustentação política interna para um ajuste econômico duradouro.

Para as autoridades e os banqueiros, o ministro criou uma resposta de praxe ao delicado tema. Diz que, quanto maior o sucesso interno, maior o suporte político e a confiança externa, mas quanto maior for o apoio externo obtido, maior o reforço político interno em relação à correção da estratégia de cooperação e não confrontação para a dívida externa.

O discurso do ministro tem sido bem recebido, de uma forma geral, por razões óbvias — ele diz o que seus interlocutores gostam de ouvir. Promete persistir no esforço de ajuste do déficit como a alavanca básica antiinflacionária; promete desregulamentação, privatização e liberalização; e, finalmente, abre a perspectiva de normalização com os credores externos.

Os bancos, via de regra, confiam no ministro, mas têm enormes dúvidas sobre o futuro. As perguntas que mais são feitas a ele dizem respeito ao apoio político que ele tem tanto junto ao presidente quanto junto à população para aplicar seu receituário até o fim. De outro lado, contudo, há certo sentimento geral de que é melhor ter este acordo firmado com o Brasil do que não ter nada.

"Os bancos sabem que

Nota divulgada em Brasília

Segue abaixo a íntegra da nota à imprensa divulgada pelo Ministério da Fazenda sobre um empréstimo-ponte para o Brasil:

O Departamento do Tesouro dos Estados Unidos anunciou hoje que concordou em participar de um pacote multilateral para prover o Brasil com um empréstimo-ponte de aproximadamente US\$ 500 milhões para financiamento de curto prazo. O Banco para Pagamentos Internacionais (Bank for International Settlements — BIS) participa também desse empréstimo-ponte, apotado por diversos bancos centrais. A participação dos Estados Unidos nesse esforço demonstra seu apoio ao programa brasileiro de reformas econômicas e ao plano financeiro para 1988/89, em cooperação com a comunidade financeira internacional, incluindo o acordo stand-by com o Fundo Monetário Internacional.

este é, certamente, o melhor acordo possível a ser obtido com o Brasil", disse o representante de um banco europeu a este jornal. "Quanto ao futuro, nós temos tantas dúvidas quanto os brasileiros."

Talvez em função desta relativa aceitação tácita de que este acordo acabará funcionando, muitas das questões acabam concentrando-se em itens técnicos que interessam muito aos bancos. O principal deles, certamente, é sobre o futuro programa de dívida em exportações — que Mailson já anunciou que será examinado pelo Conselho Monetário Nacional na última semana de agosto. Outro tema surgido no almoço de ontem em Paris foi o programa de privatização brasileiro e as oportunidades de negócios, envolvidas.

Outra razão da força do acordo que está sendo discutido é o firme endosso do governo norte-americano. O "bridging-loan" surgiu, basicamente, do esforço de Washington — que tomou a si a tarefa de coordenar a participação dos outros países. Em Paris, o presidente do Banco da França (e ex-diretor-gerente do FMI), Jacques de Larosière, deu algumas sugestões de encaminhamento, usando sua vasta experiência.

Toda a operação durou pouco mais de três semanas. Na verdade, segundo o ministro, a reunião-chave aconteceu no domingo retrasado, no Banco para Compensações Internacionais (BIS, um banco central de bancos centrais).

Acertado em princípio, na segunda-feira ele tomou forma, e já na última terça-feira estava virtualmente acertado. Faltavam mais detalhes burocráticos do que acertos de princípio — até porque, ao fazer questão de entrar com metade do total, o governo norte-americano inibiu resistências. O ministro brasileiro assinou o documento na última sexta-feira, em Londres e, desde então, tudo o que foi feito foi arredondar detalhes.

Os países e bancos credores parecem dispostos a "premiar" a estratégia cooperativa. A aceleração inflacionária, contudo, acabará estreitando a margem de comemoração do ministro da Fazenda.